

## A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA COMPOSIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

**Dr. Ivamauro Ailton de Sousa Silva** ☎ 0000-0002-6245-7204  
**Me. Guilherme Matos de Oliveira** ☎ 0000-0001-5435-5139  
**Me. Luma Dutra Brito** ☎ 0000-0003-2140-1471  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de elucidar a relevância da dimensão do planejamento na composição do estágio supervisionado em Geografia, sendo que para a construção da presente análise, nos sustentamos tanto nas ponderações teóricas de autores que discutem sobre a temática central deste estudo a exemplo de Pimenta e Lima (2004), Barreiro e Gebran (2006), Costa (2010), entre outros; quanto na reflexão sobre a importância das ações de planejamento nas vivências constitutivas de um

estágio supervisionado em Geografia, sendo que esses processos compõem os percursos metodológicos aqui apresentados. Através do movimento entre a teoria e a prática vivida/relatada no presente texto, consideramos que o ato de planejar constitui-se como elemento contributivo e indispensável à compilação formativa da prática docente realizada no estágio supervisionado de uma disciplina escolar, em específico por meio do ensino de Geografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Geografia; Estágio Supervisionado; Formação Docente.

## THE RELEVANCE OF PLANNING IN THE COMPOSITION OF THE SUPERVISED INTERNSHIP IN GEOGRAPHY

**ABSTRACT:** This article has the objective to elucidate the relevance of the planning dimension in the composition of the supervised internship in Geography, being that for the construction of this analysis, we support so much on the theoretical ponderations of authors who discuss the central theme of this study the example of Pimenta e Lima (2004), Barreiro e Gebran (2006), Costa (2010), between others; how much reflection on the importance of planning actions in the constitutive experiences of a supervised

internship in Geography, being that these processes make up the methodological paths presented here. Through movement between the theory and the practice experienced/reported in the present text, we consider that the act of planning constitutes a contributory and indispensable element to the formative compilation of the teaching practice carried out in the supervised internship of a school discipline, in specific through the Geography teaching.

**KEYWORDS:** Geography Teaching; Supervised Internship; Teaching Training.

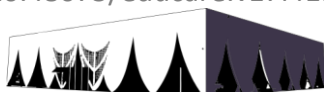


## 1 INTRODUÇÃO

Ao compreendermos a importância que os cursos de licenciatura depositam na formação da prática docente – esta advinda de todo um processo de sistematização do conhecimento de uma ciência específica em uma disciplina escolar, a exemplo da Geografia na Educação Básica – vislumbramos que os conhecimentos recebidos e ações exercitadas pelos licenciandos no decorrer dos seus percursos formativos, sobretudo nos seus aspectos teóricos e metodológicos, precisam ser entremeados às práticas do estágio supervisionado constituídas em sala de aula, sendo que ao se tratar de uma formação pedagógica-geográfica que prepara seus estudantes para a docência, é de fundamental pertinência levar este vínculo em consideração.

O estágio supervisionado, nesse sentido, é direcionado à preparação das(os) que estão destinadas(os) ao ensino de Geografia, pois privilegia a relação entre as teorias/métodos/metodologias da Geografia Acadêmica e as práticas didáticas desenvolvidas na Geografia Escolar ao passo que, para além disso, na construção formativa dos futuros professores de Geografia a realização do estágio supervisionado torna-se essencialmente necessária, uma vez que ao proporcionar experiências enriquecedoras no âmbito da docência no espaço escolar, e mais especificamente na sala de aula – como na dimensão do planejamento pedagógico, contribui para o crescimento e amadurecimento daqueles que posteriormente estarão envoltos, de maneira efetiva, no trabalho cotidiano do ensino geográfico.

Ancorado a estes pressupostos, o presente artigo tem o objetivo de ressaltar a relevante contribuição das ações de planejamento vivenciadas na composição do estágio supervisionado em Geografia, posto que entendemos ser imprescindíveis ações e reflexões sobre as diversas formas de concepção e de relações sociais envoltas à materialização formativa da docência geográfica, e que se realizam na essência do movimento da realidade concreta do ensinar-aprender sobre a produção social do espaço geográfico no espaço escolar.

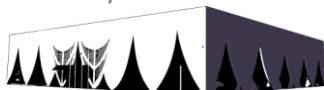


Dentro dessa leitura, nos sustentamos metodologicamente em dois pontos principais para tecermos este artigo: em discussões teóricas e no relato de uma experiência; sendo que num primeiro momento trazemos breves ponderações de autores que dialogam com/sobre a temática central deste estudo a exemplo de Pimenta e Lima (2004), Barreiro e Gebran (2006), Costa (2010), entre outros que norteiam as análises aqui apresentadas; e num segundo momento delineamos alguns apontamentos sobre os conhecimentos agregados por um dos autores deste texto nas ações de planejamento do seu estágio supervisionado mediadas com as atividades pertencentes à turma escolar em que pode realizar um marcante trabalho formativo por meio do ensino de Geografia.

## **2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: A FORMAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE EM REFLEXÕES TEÓRICAS**

Na atualidade do processo de formação docente nos cursos de licenciatura, uma das práticas – senão a mais relevante – para a inserção dos seus estudantes, futuros professores, na educação básica, é por meio do estágio supervisionado. Para que esta prática seja efetivamente contemplada, faz-se necessário conhecer as situações produzidas no contexto escolar onde o acadêmico estará inserido, etapa em que ele pode visualizar de forma concreta a fusão teoria-prática e dela construir seus saberes e sua atuação dentro da sala de aula. Para isso, tem-se a necessidade da maturidade do licenciando em assumir seu papel de forma ativa, tanto na formação quanto na produção de sua prática educacional.

O estágio supervisionado abre o horizonte do espaço escolar aos licenciandos, de forma que eles possam conhecer e compreender seu lugar de atuação profissional. Para isso, o estudante estagiário precisa perpassar a realidade escolar trazendo as noções teóricas que aprendeu ao longo do seu curso, refletindo sobre o que observa na prática de outros docentes e das experiências vivenciadas enquanto estudante, do que concebe sobre a mediação ensino-



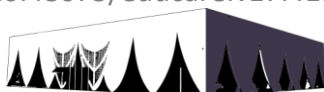
aprendizagem, bem como os conhecimentos adquiridos durante sua formação na licenciatura. Assim, “[...] considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 29).

Contudo, é preciso usar de cautela na construção do estágio, não o reduzindo a um momento de formalidade ancorado na burocracia, em que professores, formadores e licenciandos estejam limitados a organização desse processo. Conforme Barreiro e Gebran:

De modo geral, os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa. Dessa forma, por um lado se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação de professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro, reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do bem-fazer (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 26-27).

A centralidade da construção do estágio vai muito além disso, pautando-se na reflexão e na análise crítica do processo formativo. Nessa perspectiva, Barreiro e Gebran (2006) colocam que na formação docente se requer assumir uma postura investigativa da realidade escolar como proposição metodológica decisiva para o rompimento de práticas que reproduzem modelos incorporados dentro da sala de aula.

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 54).

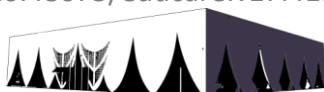


Para Januário (2008) o estagiário não entra somente na sala de aula, mas também adentra em seu futuro campo de atuação; e de lá que terá seu primeiro contato com os estudantes, com a realidade da sala de aula, com o sistema educacional e com seus futuros colegas de profissão, muitas vezes tomando esse contexto como referência para a sua prática pedagógica. Consonante a esse pensamento, Andrade (2005) destaca:

É, portanto, o Estágio uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência-fazer bem o que lhe compete (ANDRADE, 2005, p. 2).

Geralmente as atividades do estágio supervisionado realizado nas escolas da educação básica seguem as seguintes etapas: observação – nesse momento o estagiário direciona o seu olhar para o processo de ensino-aprendizagem; participação – o estagiário colabora com o professor regente nas atividades desenvolvidas nas aulas; regência – período em que o estagiário assume uma das turmas do professor, precedido da elaboração do planejamento das aulas ministradas, de preparação do material didático a ser utilizado, práticas estas organizadas junto ao professor regente e ao supervisor de estágio.

Nesse sentido, o estágio supervisionado vem a ser um grande contributo na formação docente, sendo objeto tanto de ação quanto de reflexão. Quando o futuro professor passa a estagiar, vislumbra a educação com outro olhar, sob outro ponto de vista, buscando entender a realidade da escola, o comportamento dos sujeitos que nela estão (estudantes, professores e demais profissionais que ela compõe) e desse modo tem possibilitada uma leitura tanto do ambiente escolar quanto dos sujeitos que nele estão envolvidos mediante a oportunidade de inferir neste meio de forma positiva.



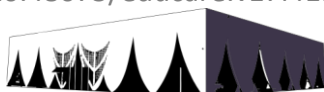
Ao estar inserida nesse processo, a Geografia é uma ciência que está em constante mudança, produzida através das relações entre a sociedade e a natureza que são expressas constantemente no espaço geográfico. Percebe-se contemporaneamente, conforme Vesentini (2000), que a processualidade globalizada da economia, voltada para as grandes mudanças no mundo de trabalho, exige a construção do ensino da Geografia não somente vinculado ao desenvolvimento da inteligência, mas da criticidade e da criatividade dos estudantes, e, sobretudo, preparados para a discussão dos muitos problemas do mundo, ao passo que:

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. Nesse sentido, as diferentes atribuições curriculares que se referem ao conteúdo, à metodologia, a avaliação, a organização e a inovação do/no ensino - são assumidas pelos diversos agentes de sua implementação: o Estado, as comunidades, a Escola e o Professor (ALVES; LEANDRO; BARBOSA, 2011, p. 249).

No ensino de Geografia tem-se a primordialidade da reflexão tanto sobre as transformações que acontecem no espaço geográfico quanto de como mediar essas modificações que são produzidas constantemente por meio das práticas de ensino. Nesse sentido:

Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a Geografia pode dar. A Geografia é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “ler, pensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas tem no nosso dia-a-dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas (KAERCHER, 2007, p. 16).

No percurso formativo dos licenciandos em Geografia, o estágio supervisionado vem sendo um dos primeiros contatos diretos destes sujeitos no exercício docente em sala de aula, constituindo-se como momento fundamental





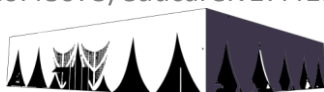
no processo de qualificação dos futuros professores. Nesse contexto, os estudantes inseridos no universo da docência necessitam buscar formas concretas de efetivação da teoria que trazem consigo acumulada no período formativo da licenciatura, para ser aplicada na prática, desenvolvendo da melhor maneira possível o seu ofício no anseio de cooperar no processo de ensino-aprendizagem da turma onde encontra-se inserido. Nessa perspectiva, Castrogiovanni (2007) argumenta que:

O desafio a que se propõem estes professores é pensar a sua própria prática e exercitar a sua função docente para além do compromisso funcional a que se habilitam com a titulação de licenciados em geografia. E nos mostram que é possível fazer diferente da monotonia que se implantou nas escolas de um modo geral e da geografia particularmente (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 8).

Em uma análise da história do ensino de Geografia de um modo panorâmico, podemos perceber que sua disciplina se pautou muitas vezes na mera descrição do espaço geográfico, sem contextualizá-lo à realidade produzida socialmente, restringindo os conteúdos geográficos a uma forma maçante de ensiná-los e tornando-os desinteressantes aos estudantes, posto que esse processo histórico aponta o quanto a Geografia tradicional esteve presente na formação educacional brasileira.

Ensinar Geografia na atualidade continua a não ser algo fácil, uma vez que esta disciplina ainda é vista como desnecessária, não recebendo a devida importância junto aos demais campos do conhecimento que compõem o currículo escolar. Acrescido a isso, entende-se que a problemática do ensino de Geografia não está reduzida às temáticas que compõem sua disciplina, mas na forma como estes conteúdos são objetos passíveis das determinações sociais do atual modo de produção. Diante disso “[...] a reflexão crítica quanto à prática se torna exigência da relação teoria-prática” (FREIRE, 1996, p. 56).

Seguindo esta análise, Costa (2010) destaca a relação teoria e prática no estágio supervisionado, ressaltando que:

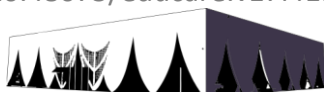


Na formação do professor de Geografia o estágio supervisionado é a prática, e ele deve permear todo o curso, de forma que leve o graduando a pensar e repensar sua formação, observando, analisando e compreendendo o mundo da sala de aula. É no estágio supervisionado que o aluno vai por em prática as teorias vistas nas salas e laboratórios da universidade, é o momento de analisar as metodologias e as categorias geográficas, de desenvolver a competência crítico-reflexiva, se apropriar de experiência e por fim iniciar sua emancipação profissional é nesse momento que o graduando promove a transposição didática, e inicia a construção da sua identidade profissional (COSTA, 2010, p. 8).

Entende-se, então, que há uma responsabilidade fundamental no papel do futuro professor de Geografia: desmistificar os olhares sobre a ciência geográfica que a concebem ainda como “tradicional” e que assolam o processo de ensino-aprendizagem da disciplina, fazendo com que os estudantes tenham outra visão, outra perspectiva acerca da Geografia no seu movimento científico e escolar, uma vez que este pensamento não está deslocado da realidade concreta, do cotidiano dos próprios estudantes para que estes possam, no entendimento da Geografia, promoverem suas próprias análises, de maneira crítica e reflexiva, sobre a produção social do espaço geográfico.

Para isso, o estágio é de extrema relevância, pois junto dos estudantes da educação básica, o estagiário tem a possibilidade de desenvolver uma nova *práxis*, evidenciando a consciência de uma educação crítica para uma emancipação desses sujeitos. Contudo, é fundamental que a formação dos licenciandos siga essa mesma dinâmica, reafirmando a articulação teoria e prática de forma consistente, potencializando significativamente a aprendizagem nos contextos da formação docente.

Percebe-se então que o estágio supervisionado possibilita aos futuros professores uma visão ampliada acerca dos obstáculos que são encontrados no exercício da docência e das oportunidades de resolução das problemáticas que são contínuas em sala de aula. Contudo, Paula e Cassiani (2011) colocam que o estágio supervisionado, de modo geral, acontece algumas vezes de forma desarticulada, ocultando a relação que precisa ser permanente entre a escola e a





universidade, ou até mesmo entre os professores da escola e os estagiários, à medida que:

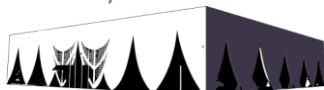
Um novo discurso produzido a partir da valorização da prática na formação inicial do professor surge marcado pela necessidade do desenvolvimento dos “saberes da prática” nesse processo. Esse movimento que aparece refletido na produção bibliográfica da área aproximou o licenciando ao ambiente escolar, mas não significou necessariamente a aproximação do professor da universidade a esse meio nem uma maior interação com o professor da educação básica (PAULA; CASSIANI, 2011, p. 195).

Nesse contexto, entende-se que a valorização dada aos professores da educação básica que recebem estagiários ainda ocorre de forma superficial. Sobre essa conjuntura, as autoras destacam que os conhecimentos desses docentes por diversas vezes não são enaltecidos, até mesmo por eles próprios. Segundo Paula e Cassianni:

Suas concepções e ações servem sim, na maioria das vezes, como fonte de dados para reflexão crítica sobre a prática e para a elaboração de projetos de pesquisa pelos professores orientadores de estágio das universidades e seus licenciados fora do ambiente escolar, fomentando os discursos da educação, e não raramente, contribuindo para o distanciamento entre as instituições (PAULA; CASSIANI, 2011, p. 195-196).

Dessa maneira, torna-se plausível repensar – quando surgem os limites apresentados pelas autoras supracitados – as formas de como o estágio supervisionado vem sendo desenvolvido nos diversos campos de ensino da educação básica, no intuito de referendar o trabalho que os professores regentes produzem, pois somente dessa forma que se pode consolidar um estágio que efetive a teoria com a prática.

No ensino básico, o professor regente tem papel imprescindível na formação dos futuros docentes, pois é este profissional da docência quem conduz o estagiário ao ofício do ensino. França (2009) ressalta que esse mestre, quando recebe o estagiário em sala de aula, recebe também uma importante tarefa junto a ele, ao mediar, na sua atuação docente, o contato dos estudantes da educação



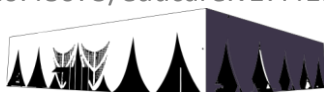
básica com os professores estagiários, e, sobretudo, apresentar os limites e as possibilidades pedagógicas típicas do espaço escolar para aqueles que estão estagiando.

Entende-se, dessa maneira, a importância indispensável do professor regente na formação dos futuros professores, pois França (2009, p. 3167) afirma que na falta dos professores, “[...] corre-se o risco de deixar aos estudantes estagiários, apenas, a tarefa de estabelecer as relações e conexões entre o conhecimento e sua futura prática profissional”. Reconhecendo o professor regente como um sujeito importante na formação dos futuros professores, a escola também deve reconhecer-se nesse processo, pois ela:

[...] carrega consigo a responsabilidade de oferecer condições para que os futuros professores possam interagir com a situação de ensino e, principalmente, possam apropriar-se de um saber-fazer advindo da experiência coletiva dos professores. Por isso, a escola deve ser vista em sua tarefa formativa, ou seja, deve propiciar condições para que os futuros professores possam compreender sua função social em meio a tantas outras atividades que lhe são designadas cotidianamente (FRANÇA, 2009, p. 3168).

Diante disso, visando a qualidade na formação e no exercício da docência dos futuros docentes, torna-se contundente o estabelecimento de vínculos, parcerias entre a universidade e a escola, bem como a articulação de anseios dos professores orientadores/supervisores de estágio juntamente com os professores regentes na construção de atividades que visem a eficácia do ensino desenvolvido nas aulas. O papel do professor regente junto aos estagiários é fundamental, uma vez que é um ente a ser considerado dentro do processo do estágio supervisionado, pois este sujeito, direta ou indiretamente, contribui na formação dos hoje estagiários, amanhã futuros mestres.

Sendo assim, por intermédio das vivências e da atuação no ensino por meio do estágio supervisionado, é que os licenciandos em processo de formação docente compreendem a totalidade dos procedimentos escolares no qual estão inseridos, seja na atuação em sala de aula ou no planejamento das suas aulas; sendo que



no tópico a seguir refletimos sobre esse processo que experienciamos na construção do nosso estágio supervisionado em Geografia.

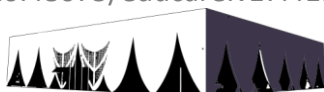
### **3 O PLANEJAMENTO E SUA RELEVÂNCIA NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA**

Em se tratando da dimensão do planejamento consideramos que seu ato, enquanto expressão da criatividade humana (tanto individual quanto coletiva), se materializa diante das expectativas de concretização de um trabalho, ao tempo que cria alternativas para a difusão do conhecimento, mesmo que em algumas situações se restrinja ao campo do ideal e, de algum modo, se torna inviabilizada sua expansão. Por meio dessa perspectiva que as ações de planejamento foram sistematizadas no estágio supervisionado em Geografia do primeiro autor deste texto junto ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sendo que delineamos a seguir suas composições formativas.

Inicialmente, cabe elucidar que em função das atividades previamente planejadas pela escola (Dia da Mulher e Planejamento Docente) não houve a possibilidade de realização dos momentos de coparticipação pelo até então estagiário. Contudo, o período reservado ao processo de observação foi efetivado, dadas as necessidades incorporadas ao processo de conformação do estágio.

Ao ser estabelecidas observações da turma do 2º ano B do Ensino Médio do Centro Noturno de Educação do Estado da Bahia (CENEB) no município de Vitória da Conquista-BA, dentro da primeira unidade letiva de 2018, fora constatado que a classe possuía 45 estudantes matriculados, distribuídos entre 23 do sexo masculino e 22 do sexo feminino, e com faixa etária de 16 a 24 anos de idade.

Analisando as condições físicas e o aparelhamento do espaço em estudo, pode-se vislumbrar que as instalações (em que se localiza a turma) dispõem de um grande espaço – concernente ao quantitativo de estudantes da turma – com

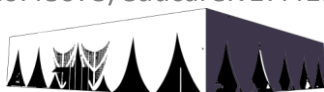


amplas janelas e ventilador, que favorecem a ventilação do mesmo; quatro lâmpadas fluorescentes para iluminação; inúmeras carteiras, danificadas pela ação do tempo e pela utilização por outras turmas, simultaneamente, comprometendo o conforto dos estudantes e de seus regentes. De recursos audiovisuais, a sala conta com uma TV pen drive (em desuso), em que as atividades na qual utilizam imagens e som são realizadas mediante agendamento da sala de vídeo e/ou data show com o setor administrativo da instituição.

Sobre o período de observação, pode-se afirmar que esta etapa foi imprescindível ao planejamento didático e execução deste no estágio, haja vista que nas experiências vivenciadas tanto dentro da sala de aula, nas aulas de Geografia – na qual a professora regente iniciou a unidade letiva abordando o conteúdo sobre Capitalismo Comercial, tornou-se possível verificar sua autonomia e segurança em sala na forma de abordar o conteúdo, vinculando-o à utilização de serviços (como comércio, bancos) e como estes são recorrentes à vida de uma sociedade, imersa no contexto do atual modo de produção – quanto fora de sala, foi permitido conhecer a turma para a regência ao ser analisada suas dificuldades, desafios, iniciativas e expectativas, no intuito do estabelecimento de vínculos e socialização com os estudantes da mesma.

Para além da possibilidade de perceber as relações que são construídas constantemente entre os sujeitos desta escola – estudantes, professores, direção e demais funcionários – o contato realizado dentro deste contexto oportunizou perceber as dinâmicas próprias da mesma, e que expressam tanto o seu desenvolvimento, quanto as contrariedades que lhes são impostas, bem como os anseios de melhoria das condições do ensino, seja na dimensão estrutural quanto na dimensão pedagógica, mediante a utilização de um espaço físico articulado e condizente às demandas da comunidade escolar.

Assim, dado o cumprimento desta etapa, período importante à condução do estágio, a experiência adquirida proporcionou, de forma satisfatória, a busca por



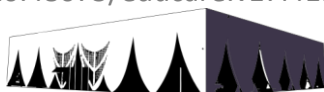
uma sólida preparação a posterior fase de exercício da docência, diante da familiarização com a instituição escolar e com a turma de regência. Posto isso:

[...] A ação na sala de aula de planejamento e aplicação deste planejamento é uma relação de participação e apropriação de conhecimentos, por parte do estagiário e alunos da educação básica. Tem um lugar de destaque no processo formativo, pois é nesse estágio que o licenciado encontra o contexto natural de ensino: a aula. Essa situação de intervenção e (re)conhecimento da realidade é decisiva para o processos de reflexão da práxis educacional. O ensino, por meio da regência de classe, é uma das ações formativas do protagonismo profissional, espaço de exercício da autonomia docente e de assunção da autoridade profissional do estagiário (SOUZA; MARTINS, 2012, p. 149).

A experiência da docência acontece frente ao desconhecido, uma vez que sua prática se atualiza a cada momento, ancorada ao propósito de se planejar e executar uma aula. Torna-se, dessa maneira, um desafio a ser superado paulatinamente, com o intuito de somar novas possibilidades de intervenção no ato de ensinar, pois as vivências cultivadas constantemente no ‘chão’ da escola proporcionam ao sujeito que ensina seu amadurecimento e sua autonomia, características estas que serão refletidas em um movimento formativo reflexivo e crítico.

Em relação à construção do plano de unidade, buscou-se seguir os conteúdos organizados e iniciados na primeira unidade letiva pela professora regente de Geografia da turma acima citada, objetivando sistematizar o roteiro pensado pela docente aos seus estudantes. Diante dessa necessidade, foi elaborado um tema norteador para o período da regência intitulado “Do processo de expansão do capitalismo à atualidade do espaço globalizado”.

Ressalta-se que os conteúdos propostos foram selecionados levando em consideração o perfil da turma, e buscando ao mesmo tempo adequar-se aos critérios de ensino da instituição, num esforço que se confluencia às ponderações de Shulman (1986) que versam sobre a mobilização didático-pedagógica dos conhecimentos agregados aos conteúdos que são trabalhados em sala de aula; e que nessa experiência docente foram tratados através de diversas temáticas e



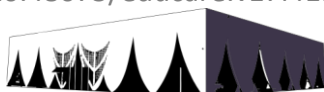
contextos, a exemplo das diversas fases do capitalismo, as guerras mundiais, o imperialismo, a globalização sob a égide da mundialização da economia, a formação de blocos econômicos no mundo, os efeitos da crise estrutural do capital no mundo do trabalho, dentre outros processos e transformações sociais que produzem o espaço geográfico na sua totalidade.

Quanto aos procedimentos metodológicos e recursos utilizados durante a unidade, vale destacar que os mesmos foram produzidos sob orientação da coordenação do estágio, face a necessidade da realização de um substancial trabalho, visando facilitar o entendimento e aprendizado dos estudantes a partir do que estes vivem no seu cotidiano de vida e de trabalho imerso nas contradições sociais do mundo capitalista, ao passo que:

Trabalhar a Geografia com esse enfoque pressupõe que o aluno seja sujeito ativo de sua aprendizagem, que o professor medie sua relação cognitiva com os conteúdos geográficos, ressignificando a Geografia como possibilidade de entender que pelo estudo da espacialidade pode-se entender não só como se geram as injustiças, mas também como as análises espaciais da injustiça permitem avançar na luta pela justiça social, o que está ligado à sua vida cotidiana. E mais, a relação entre os objetivos de ensino, gerais e específicos, e a referência teórica dos conteúdos geográficos a atribuir significado à vida dos alunos leva a estruturar caminhos para o trabalho efetivo em situações diferentes de sala de aula, que se configuram como metodologias de ensino (CAVALCANTI, 2019, p. 175).

Sobre os conteúdos trabalhados em relação à produção desigual do espaço pelo capitalismo em sala de aula, estes foram balizados em uma variedade de referências dentre as quais livros, revistas e sites de internet, buscando desse modo preparar aulas que despertassem a realidade cotidiana e os conhecimentos dos estudantes da turma do estágio em questão acerca da temática central.

Ainda sobre os procedimentos metodológicos, vale destacar que os mesmos possuíram características variadas, desde a forma como foram abordados os conteúdos em forma de esquemas no quadro, bem como na produção de textos, resolução de atividades individuais e em grupo, debates (estes um tanto marcantes, pois o tom de humor utilizado pelo regente viabilizou uma maior





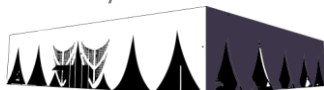
participação dos estudantes nas aulas) dentre outras estratégias, suscitando desse modo o entendimento sobre a temática que vinha sendo estudada durante a unidade.

Seguindo esta perspectiva, afirma-se que os objetivos propostos à turma foram em sua maioria alcançados, mesmo que durante o período da regência houvessem algumas situações inesperadas que prejudicassem o andamento das atividades previamente planejadas, seja na ausência de alguns dos estudantes da turma nas aulas por questões circunstanciais, a exemplo das que diziam respeito aos dias em que foram canceladas as aulas para o atendimento de necessidades próprias da instituição, tendo o cronograma passado por pequenas alterações, mas nada que viesse a comprometer o andamento do estágio.

Cabe destacar ainda que o tempo disponível à organização e sistematização do planejamento para as aulas do estágio ocorreu tomando como base o calendário letivo da instituição de ensino, sendo estabelecidas as propostas de intervenção em sala dentro dos dias disponíveis para a carga horária da disciplina Geografia, ao tempo em que se levou em consideração as atividades que ocorreram em dias previamente estabelecidos pela escola, como no período de execução de um projeto interdisciplinar da mesma dentre outras atividades que inseriram a feitura do estágio na unidade da *práxis* escolar.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o ato de planejar é constantemente necessário à dimensão educacional, uma vez que as ações construídas pelos sujeitos escolares que a compõem devem ser pensadas e repensadas considerando as mudanças que se estabelecem no seu cotidiano, tendo como interesse comum a qualidade da educação e as suas contribuições para a reprodução das condições de vida, de trabalho e das relações sociais constituídas dentro de um determinado contexto na qual sua comunidade faz parte. A partir desta ótica, é imprescindível o



protagonismo do professor, sendo que o planejamento se torna uma ferramenta indispensável à condução do seu ofício.

Mediante esse propósito, houve na composição do planejamento do estágio supervisionado do primeiro autor deste artigo no ensino de Geografia uma grande articulação entre os conteúdos, as estratégias didático-pedagógicas e avaliações desenvolvidas na busca de se alcançar os objetivos traçados, tomando como necessidade metodológica não somente a utilização do livro didático da turma, mas também se reportando a imagens, vídeos, textos, questionamentos, dinâmicas, dentre outros; trazendo sempre como ponto de referência o contexto vivido pelos estudantes para que as aulas despertassem o interesse e a aprendizagem dos mesmos. Cabe dizer que os estudos promovidos nas aulas seguiram a forma de um espiral, visto que alguns conteúdos trabalhados *a posteriori* eram concernentes com outros que, *a priori*, tinham sido analisados.

Dessa maneira, entende-se que o planejamento das aulas vislumbrou, de maneira relevante, a execução das mesmas, sendo que foram desenvolvidas não pela via da improvisação, mas preconizando a prática das orientações por meio da coordenação do estágio, no interesse em ajustar demandas que viessem a surgir durante a regência, seja a nível de questionamentos teóricos, auxílio na elaboração de metodologias e de recursos, dentre outras questões, cuja finalidade era a aplicabilidade dos planos elaborados para a conformação do estágio de formação docente no ensino de Geografia.

## REFERÊNCIAS

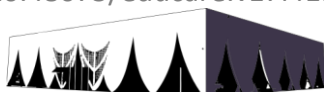
ALVES, T. L. B.; LEANDRO, A. G.; BARBOSA, R. da S. Práticas e reflexões no estágio supervisionado em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba. **Caminhos de Geografia (UFU)**, Uberlândia, v. 12, p. 245-254, 2011. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16577/9233>. Acesso em: 25 ago. 2017.

ANDRADE, A. M. de. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. *In*: SILVA, M. L. S. F. da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento**

Revista Educere Et Educare, Vol. 17, N. 41, jan. / abr. 2022. *Ahead of Print*.

DOI: 10.48075/educare.v17i41.29439



de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em:  
[www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf). Acesso em: 25 ago. 2017.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. A Geografia escolar como eixo de diálogos possíveis entre didática geral e didáticas específicas na formação do professor. *In*: PIMENTA, S. G.; D'ÁVILA, C.; PEDROSO, C. C. A.; MUSSI, A. de A. (Org.). **A didática e os desafios políticos da atualidade**. 1ª ed. Salvador: Editora UFBA, 2019, v. 2, p. 157-180.

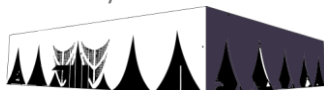
COSTA, G. B. A. Um estudo sobre a relação teoria e prática na formação do professor de Geografia. *In*: IV EDUCON – IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade, 2010, Laranjeiras. **Anais do IV EDUCON**. Laranjeiras: UFS, 2010. Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_04/E4-29c.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_04/E4-29c.pdf). Acesso em: 09 dez. 2021.

FRANÇA, D. de S. Formação do pedagogo: a orientação dos estágios de ensino pelo professor da escola básica. *In*: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba, PUCPR, 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3064\\_1382.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3064_1382.pdf). Acesso em: 09 dez. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

JANUÁRIO, G. O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. *In*: Seminário de história e investigações de/em aulas de matemática. **Anais II SHIAM**. Campinas: Unicamp, v. único, p. 1-8, 2008. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/MATEMATICA/Artigo\\_Gilberto\\_06.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf). Acesso em: 25 ago. 2017.

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler, pensar o mundo, entender, conversar com o outro e descobrir a si mesmo. *In*: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 p.



PAULA, G. de S.; CASSIANI, S. O papel do professor da escola na formação do futuro docente de ciências: um discurso no silêncio. **Entre Ver**, Florianópolis, v. 01, n. 01, p. 182-201, 2011. Disponível em: <http://stat.intraducoes.incubadora.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/1209/1454>. Acesso em: 09 dez. 2021.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SHULMAN, L. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, v. 15, n. 4, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1175860>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SOUZA, E. M. de F.; MARTINS, A. M. G. S. Estágio supervisionado nos cursos de licenciatura: pesquisa, extensão e docência. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13, p. 143-156, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/711>. Acesso em: 9 dez. 2021.

VESENTINI, J. W. Educação e Ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Recebido em: 28-06-2022

Aceito em: 05-07-2022

